



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

DE GUARDIÃO A DEMÔNIO
A REPRESENTAÇÃO DA ENTIDADE EXU NA UMBANDA ESPIRITUALISTA

SKARLETT ANDRESSA OTTO LEITE

Foz do Iguaçu
2018



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE CULTURAL
LATINO-AMERICANA**

DE GUARDIÃO A DEMÔNIO
A REPRESENTAÇÃO DA ENTIDADE EXU NA UMBANDA ESPIRITUALISTA

SKARLETT ANDRESSA OTTO LEITE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Orientador: Prof. Waldemir Rosa (Doutorado)

Foz do Iguaçu
2018

SKARLETT ANDRESSA OTTO LEITE

DE GUARDIÃO A DEMÔNIO
A REPRESENTAÇÃO DA ENTIDADE EXU NA UMBANDA ESPIRITUALISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. (Doutorado) (Waldemir Rosa)
UNILA

Prof. (Doutorado) (Jocenilson Ribeiro dos Santos)
UNILA

Prof. (Doutorado) (Sílvia Lílian Ferro)
UNILA

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso: _____

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço ao meu professor orientador Waldemir Rosa não só pela constante orientação neste trabalho, mas, sobretudo, pela sua amizade, companheirismo e paciência ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Aos professores da banca pelas orientações me auxiliaram a expandir a visão durante o processo de pesquisa e escrita dos conceitos e capítulos desenvolvidos nesse trabalho.

Aos colegas de curso, em especial Adriana Martins de Farias e Angela Ferreira, que com sua experiência e companheirismo me auxiliaram a crescer tanto academicamente quanto na vida pessoal.

Aos meus familiares, que desde o início da graduação estiveram dando apoio e base emocional para que meu sonho pudesse ser realizado, em especial ao meu namorado, Rahiam Nunez, sempre, em todos os meus trabalhos estava presente lendo e revisando cada página comigo, e a minha mãe, que ao longo dessa jornada esteve sempre ao meu lado.

A minha psicóloga Letícia Scheidt, por ter aconselhado e redirecionado minha vida e minha mente, fazendo com que me mantivesse firme para finalização dos meus projetos na vida.

E por último, aos meus guias que sempre iluminaram a minha cabeça e meu caminho.

LEITE, Skarlett Andressa Otto. **De guardião a demônio**: A Representação da Entidade Exu no Universo da Umbanda Espiritualista. 2018. 46 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Antropologia e Diversidade Cultural Latino Americana)– Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar e compreender a construção da representação da entidade Exu no Universo da Umbanda Espiritualista, tendo como foco as distintas interpretações e significados presentes na construção da representação dessa entidade, pela religião e pelos seus membros. Por meio da análise histórico/social da construção de discurso presentes em elementos simbólicos como palavras, imagens e símbolos existentes em torno da figura da entidade Exu, esse trabalho buscou a compreensão das ambiguidades dessa entidade, devido ao caráter subjetivo presente nas interpretações e visões dos membros e frequentadores de determinados símbolos, imagens e palavras relacionados à entidade Exu, o que desencadeou o desenvolvimento da teoria dos espelhos representativos para ilustrar e explicar a ambiguidades representativas dessa entidade no espaço religioso, na sua base teórica e para os seus membros e frequentadores, que não se limitam a divisão entre uma entidade do Bem e uma entidade do Mal.

Palavras-chave: Representação. Exu. Umbanda. Ambiguidade. Discurso.

LEITE, Skarlett Andressa Otto. **From guardian to demon: The Representation of the Exu Entity in the Universe of the Spiritualist Umbanda.**2018. 46 pages. Trabalho de Conclusão de Curso (Antropologia e Diversidade Cultural Latino Americana)– Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

ABSTRACT

The present Completion of Course Work aims at the analysis and understanding of the construction of the representation of the entity Exu in universe of Umbanda spiritualist, focusing on different interpretations and meanings ad present in the construction of the representation of that entity, by religion and its members. Through the historical / social analysis of the construction of speech present in symbolic elements such as words, images and symbols that exist around the figure of Exu, entity that study sought to understand the ambiguities of that entity, due to the subjective character present in the interpretations and visions of the members and regulators of certain symbols, images and words related to the entity Exu, what triggered the development of the theory of representative mirrors to illustrate and explain the ambiguities that entity representative in the religious space, in your theoretical foundation and to its members and regulars, no limited to division entity between and an entity of evil.

Key words: Representation. Exu. Umbanda. Ambiguity. Discourse.

LEITE, Skarlett Andressa Otto. **De guardián al demonio:** La Representación de la Entidad Exu en el Universo de la Umbanda Espiritualista.2018 . 46 paginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Antropologia e Diversidade Cultural Latino Americana)– Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

RESUMEN

El presente tesis tiene como objetivo el análisis y la comprensión de la construcción de la representación de entidad Exu en el universo de la Umbanda Espiritualista, teniendo como foco las distintas interpretaciones y significados presentes en la construcción de la representación de esa entidad, por la religión y por sus frequentadores. Por medio del análisis histórico / social de la construcción de discursos presentes en elementos simbólicos como palabras, imágenes y símbolos existentes en torno a la figura de la entidad Exu, ese trabajo buscó la comprensión de las ambigüedades de esa entidad, debido al carácter subjetivo presente en las interpretaciones y visiones miembros y frequentadores de determinados símbolos, imágenes y palabras relacionados con la entidad Exu, lo que desencadenó el desarrollo de la teoría de los espejos representativos para ilustrar y explicar las ambigüedades representativas de esa entidad en el espacio religioso, en su fundamentación teórica y para sus miembros y frequentadores, que no se limitan a la división entre una entidad del Bien y una entidad del Mal.

Palabras clave: Representación. Exu. Umbanda Ambigüedad. Discurso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 EXU, O ORIXÁ, A ENTIDADE E O DEMÔNIO: ORIGEM E CONSTRUÇÃO DE SUA FIGURA REPRESENTATIVA.....	7
1.1 ORIXÁ EXU.....	7
1.2 EXU :O COMPLEXO GUARDIÃO DO UNIVERSO DA UMBANDA.....	9
1.3 DIABO: O SENHOR DOS MALES DAS CRENÇAS JUDAICO-CRISTÃO.....	13
1.4 EXU DE GUARDIÃO A DEMÔNIO: AS REPRESENTAÇÕESE SUAS CONSTRUÇÕES.....	16
2 DISCURSOS E SÍMBOLOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS REPRESENTAÇÕES.....	22
2.1 DO CÉU AO INFERNO: ANÁLISE DISCURSIVA DOS ELEMENTOS E SÍMBOLOS DA ENTIDADE EXU.....	24
2.2 O CASO DO CONCEITO DE POSSESSÃO.....	31
3 UMBANDA E UMBANDISTAS: A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA ENTIDADE EXU EM UM TERREIRO DE UMBANDA	34
3.1 EXU E TERREIRO: RELAÇÕES, HIERARQUIAS E CONCEPÇÕES	36
3.2 TEORIA DOS ESPELHOS REPRESENTATIVOS: A ENTIDADE EXU E A RELAÇÃO COM OS SEUS MÉDUINS.....	37
3.3 ENTIDADE EXU: O PAI, O GUARDIÃO, O PROTETOR, O AMIGO.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

O fenômeno religioso, tanto como instituição quanto como manifestação cultural, é um dos principais temas estudados pelas ciências sociais. A religião é uma das peças centrais da produção de normatização de discursos sobre a realidade empírica dos sujeitos, através da enunciação de discursos hegemônicos, postos como tradicionais e universais para todos os sujeitos sociais.

Para este estudo o conceito de representação é fundamental. Representação aqui pode ser entendida como a forma que certos elementos religiosos enunciados através dos discursos fazem com que valores, dogmas, tradições, imaginários, entre outros, sejam normatizados e universalizados para os sujeitos, o que, conseqüentemente, leva a construções de sentidos e significados socialmente compartilhados.

A cultura não pode ser pensada como única ou universal, assim como os próprios fenômenos religiosos. No caso do Brasil existe uma grande diversidade cultural, religiosa, étnica e racial na formação da nação ao longo de sua história. Entretanto, a representatividade dessas diversidades culturais não se encontra presente no discurso com construção de uma identidade nacional. Manuela Carneiro da Cunha (2009), ao abordar a questão da etnicidade, afirma que esta não se encontra somente relacionada à autoafirmação e ao pertencimento de um indivíduo com relação ao seu grupo, mas também ao reconhecimento vindo de fora, a fim de legitimar essa identidade cultural. Para a autora, a etnicidade relacionada aos elementos culturais, deve ser compreendida como uma forma de organização política construídas por discursos presentes na estrutura social, que são constantemente reelaborados e modificados, devido a seu caráter heterogêneo e dinâmico.

Sergio Costa (2006) também faz uma abordagem similar, porém utilizando o conceito de raça relacionado ao discurso da mestiçagem para criticar a construção das identidades nacionais homogênicas, no qual o outro é compreendido e generalizado como oposto ao da cultura nacional. A disseminação de contra discursos após a década de 1970 que remodela a identidade nacional, a partir do surgimento de novas etnicidades negras, abre

espaço para novos discursos e ideais.

Edward W. Said (1978), na sua obra "*Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*", ao problematizar a construção do mundo oriental a partir do mundo ocidental indica que a representação é uma forma de discurso que elabora formas de dominar e controlar o outro. Para essa construção, partir de um conjunto de generalizações, constroem uma consciência teórica e prática do ocidente com relação ao "outro" oriental, tendo como base o poder hegemônico para estabelecer essa relação de dominação.

No campo dos fenômenos religiosos a construção das representações também se manifesta de forma similar. O discurso hegemônico do cristianismo constrói as representações das demais religiões através de assimilação, sincretismo, religiofagia e desconfiguração de símbolos e elementos religiosos. Este Trabalho de Conclusão do Curso nasce da análise da constituição de representações negativas do cristianismo sobre as religiões afro-brasileiras, no caso, a Umbanda.

A Umbanda é uma das diversas religiões presentes no Brasil, sendo conhecida por juntar elementos do africanismo, do cristianismo, indianismo e kardecismo em sua base doutrinária e ritualística. A palavra Umbanda, no sentido etimológico, vem de *Umbundo* e *Quimnundo*, que significa medicina ou ciência médica. Por sua vez, a sua influência no esoterismo indiano vincula-se a noção de *Aumpram* que significa *luz divina*. Em sânscrito, a mesma deriva de *Aumbanda* que significa *o lado de Deus*. A Umbanda tem em sua fundamentação o monoteísmo, a crença dos Orixás, nos anjos, em Jesus Cristo, na ação dos espíritos, na reencarnação, na mediunidade, no Holismo - que visa buscar o equilíbrio do corpo e da mente -, na lei de Ação e Reação assim como no exercício do livre arbítrio, na relação de fé com a vida cotidiana e a relação fé e ciência.

A Umbanda possui, além dessa pluralidade, a visão de dois campos de atuação denominados de trabalhos de direita e de esquerda, que é um fator que estabelece a tanto organização ritualística, quanto na organização das entidades, sendo espíritos mais "luminosos" se encontrarem nos rituais de direita como Preto-Velhos, Caboclos e Crianças, e os mais "trevosos" nos

rituais de esquerda, como Exus e Pomba-giras. Essa separação não está relacionada ao fato de a entidade ser considerada boa ou ruim, mas à espiritualidade como densidades vibracionais distintas, que seria a energia mental e espacial da entidade ou espírito e de seu espaço de atuação.

As representações das entidades estão constituídas socialmente através da oposição binário entre o Bem e o Mal, mas essas não são fechadas e excludentes. Na esfera do culto afro-brasileiro, a representação de Exu está ligada a essa ideia de Bem, sendo ele definido como “guardião”, “protetor”, “amigo” e “conselheiro”. E em outros contextos, Exu é representado ligado à ideia de Mal, sendo adjetivado como “demônio”, “interesseiro”, “pactuador” e “encosto”.

Entretanto, as representações da entidade Exu no universo cultural das religiões afro-brasileiras não possuem eco na sociedade brasileira, onde Exu é representado como o Diabo da tradição judaico-cristã. Consequentemente, tal representação ressalta os seus “aspectos negativos”, tendo vários de seus elementos ressignificados como no caso das religiões neopentecostais como a Igreja Universal do Reio de Deus – IURD, que o define com o elemento maligno que deve ser combatido.

A divisão desse trabalho será feita em três capítulos. No primeiro apresenta-se uma introdução histórica sobre as diferentes representações relacionadas a essa entidade como a figura do Diabo judaico-cristão, a imagem do Orixá Exu e a figura da entidade Exu no universo da Umbanda de forma geral. Também se aborda a construção da associação de Exu ao Diabo da tradição judaico-cristã assim como a polarização em “Exu Bem” e “Exu Mal”. O segundo capítulo, tem como objetivo uma análise discursiva de elementos simbólicos que se encontram presentes em torno dessa entidade, catalogados por meio das entrevistas, livros, artigos e da etnografia realizada nas giras de Exu. Nesse capítulo, serão utilizados os conceitos de *discurso*, *formação discursiva* e *formação ideológica* de Foucault (2009) e Pêcheux, para ilustrar a construção das diferentes ambiguidades de sentidos e significados dos elementos simbólicos presentes nessa entidade em diferentes espaços e contextos. O terceiro capítulo, está voltado às entrevistas realizadas ao logo do

projeto, entre 2016 à 2017. Por meio de coleta de dados quantitativos e qualitativos, realizou-se uma análise geral sobre alguns pontos específicos, como a relação da trajetória de vida desses indivíduos com a construção da representação da entidade Exu assim como o elemento da afinidade como aspectos central quando a construção da imagem e das relações dessa entidade com esses indivíduos. Nesse capítulo surge o desenvolvimento da teoria dos espelhos representativos, que justamente procura explicar a construção dessa ambiguidade representativa da entidade Exu, que na prática são bem mais complexas e são formadas partir das relações particulares que cada um desses sujeitos com a entidade e com a religião, no qual a separação das esferas representativas dessa entidade de Exu Bem e Exu Mal, não se encontram polarizadas, mas sim mescladas em uma grande rede de relações e sentidos .

Esse recorte do tema foi o que possibilitou uma compreensão mais completa sobre essa entidade Exu. Quem é Exu na Umbanda Espiritualista? Tal recorte leva em consideração a diversidade que a própria Umbanda possui desde a sua formação, em que cada uma vai possuir ideologias e discursos distintos que podem ou não que produzir representações religiosas distintas sobre as entidades e as divindades. Cada “casa de trabalho” possui uma representação sobre quem é Exu, como se manifesta e qual a sua função. Cada culto possui um discurso representativo sobre Exu que é fornecido quando um leigo, ao entrar em uma “casa de trabalho”, saiba quem é a entidade e como ela se manifesta.

Entretanto, a construção dessa representação não se limita a essa generalização a de Exu Bem e Exu Mal. Ao realizar as entrevistas com alguns médiuns de uma casa de Umbanda da linha Tradicional ou Espiritualista, percebeu-se que a imagem de Exu está conexa às relações que esses médiuns construíram desde a sua entrada na religião e com ideais anteriores que esses sujeitos possuíam sobre as noções de Bem e Mal, de bondade e maldade, de pecado e virtude, de céu e inferno, entre outros. As características ressaltadas na formação da imagem da entidade Exu são resultantes de tais relações.

Essas representações são alimentadas por elementos simbólicos, como o uso de bebidas e cigarros em seus rituais, o uso de roupas vermelhas e pretas, algumas descrições antropomórficas em alguns livros, e certos símbolos e imagens como o tridente, a cruz, o cemitério e a morte, possui diferentes significados para cada um dos indivíduos construindo diferentes representações a entidade Exu, foi denominado dentro deste trabalho como processo dos espelhos representativos. Por mais que haja uma construção macro sobre a representatividade de alguma entidade, no caso da Umbanda, ela não é universal e nem a mesma para cada médium de uma mesma casa. Tal imagem vai ser construída através conceitos, no sentido de pré-noções e generalização pré-concebidas, desses sujeitos se encontram em torno desta entidade, além da própria relação que cada um desses sujeitos vai possuir com a mesma.

Said (1978) afirma que as representações são enunciadas por meio dos discursos, para estabelecer seu caráter generalizador. Essa afirmação se deriva do fato de que utiliza o conceito de discurso de Michel Foucault (2009), que define discurso como um conjunto de enunciados presente em uma *formação discursiva*, praticadas ao longo do tempo, ou seja, os discursos constroem conhecimento e saberes sobre o outro, no qual define o sujeito estabelecendo o que é e o que não é do sujeito. Partindo desse ponto, com o auxílio da análise do discurso, foi feita uma análise dos elementos simbólicos associados a essa entidade nas entrevistas e em materiais escritos por escritores umbandistas que falam sobre a fundamentação de Exu dentro da Umbanda.

A análise das características discursivas dos elementos simbólicos presentes nessa entidade possibilitou uma maior compreensão da representação de Exu. Um exemplo citado neste trabalho é o caso do conceito de possessão e de como essa palavra possui um peso simbólico negativo quando associado aos processos de incorporação, principalmente as relacionado às entidades da esquerda. Na questão da incorporação as diferenças se encontram no modo como manifestam como a fala e a maneira de andar, pois enquanto nas sessões de direita, as entidades possuem um

andar mais suave, mas firme, as sessões de esquerda, alguns Exus possuem andar mais pesado, alguns chegam a andar torto ou encurvado, tendo uma voz e um jeito de falar mais denso em um tom de voz mais grosso, entretanto não são todas as entidades não é algo que possa ser generalizado.

A inclusão de autores como Rubens Saraceni (2011), Alexandre Cumino (2015) e Joice Paciente (2016), utilizados nestes trabalhos tanto como formulação teórica sobre a fundamentação dessa entidade na Umbanda Espiritualista, quanto narrativa dos umbandistas, não só contribuiu para as análises, mas também foi uma grande base sobre como a Umbanda Espiritualista controle a representação da entidade Exu dentro dos seus fundamentos religiosos e suas práticas.

1.EXU, O ORIXÁ, A ENTIDADE E O DEMÔNIO: ORIGEM E CONSTRUÇÃO DE SUA FIGURA REPRESENTATIVA

Exu encontra-se dividido em uma emblemática simbologia marcada pela polarização entre Bem e o Mal. Sua representação, desde a África até a sua chegada ao Brasil, foi marcada por grande controvérsia resultante da compreensão dos pesquisadores, e o pensamento religioso europeu, dominada pela influência do Cristianismo.

A questão racial e o racismo religioso como forma de extermínio físico e simbólicos da população afro-brasileira contribuiu para a perseguição dos cultos de raiz africana e seus símbolos, sob o discurso que tais práticas tinham ligação com o satanismo e bruxaria, havendo uma marginalização desses cultos assim como seus praticantes.

Desde 1988, com a criação da Constituição de 1988 a prática dos cultos afro-brasileiros deixou de ser enquadrado no crime de contravenção penal. No entanto, ainda existem preconceito e perseguição das práticas afro-religiosas. Embora, estratégias como o sincretismo de alguns símbolos da matriz afro com os santos católicos possibilitasse uma maior visibilidade em um sentido mais “positivo”, a imagem do Exu, por sua vez, se manteve com esse caráter “negativo” vinculada ao Diabo. Por mais que se tenha avançado em pesquisas, essa associação negativa ainda se encontra fortemente presente nos discursos de muitas pessoas, inclusive de membros e de praticantes dessas religiões.

1.1.ORIXÁ EXU

Juntamente com a abordagem sobre a representação do Orixá Exu, é necessário uma contextualização sobre o próprio conceito de Orixá e a vinda da cultura africana para o Brasil, pois são elementos necessários para expandir a construção da representação da entidade Exu como é conhecido atualmente.

Sobre a definição do conceito de Orixá, Pierre Verger afirma que a religião dos lorubás não possui uma universalidade em sua fundamentação e

principalmente em suas hierarquias. Esse fator se dá devido à questão das variações locais. Segundo ele,

o lugar ocupado na organização social pelo orixá pode ser muito diferente se trata de uma cidade onde se ergue um palácio real, àáfin, ocupado por um rei, aládé, tendo direito a usar uma coroa, adé, com franjas de pérolas, ocultando-lhe a face ou onde existe um palácio, ilê lójá, a casa do senhor do mercado de uma cidade cujo chefe é um bal'que sé tem direito a uma coroa mais modesta chamada àkòró. Nesses dois casos, o orixá contribui para reforçar o poder do rei ou do chefe. (VERGER, 1999. p.8)

Segundo o autor, pode haver diferentes ordens hierárquicas, o que do local onde se contextualiza, pois, o mesmo conceito está ligado ao local ocupado e a organização social que se encontra presente, assegurando protegendo a estabilidade social e a comunidade. A religião dos Orixás, segundo Verger, está diretamente ligada ao conceito de família, a partir da relação entre vida e morte de um ancestral divinizado, sendo, em vida, esse ancestral possuidor de certas forças da natureza como trovão, raios, ventos entre outros elementos e, após a sua morte, encarna em seus descendentes durante o processo de possessão:

Voltando assim, momentaneamente, a terra, entre seus descentes, durante as cerimônias de evocação, os orixás dançam diante deles e com eles, recebem seus cumprimentos, ouvem as suas queixas, aconselham, concedem graças, resolvem as suas desavenças e dão remédios para as suas dores e consolo para os seus infortúnios. O mundo celeste não está distante, nem superior, e o crente pode conversar diretamente com os deuses e aproveitar da sua benevolência. (VERGER, *op. cit.* p. 10).

Sendo assim, Orixá pode ser definido como a força pura, o Axé imaterial, que só é perceptível aos seres humanos através da incorporação de um deles por meio de um cavalo¹ que permita o Orixá voltar a terra para saldar e receber oferendas² de seus descendentes presentes em terra, não havendo uma distância entre os sujeitos com o divino. (VERGER, *op. cit.*).

Para Reginaldo Prandi (2001), esses elementos presentes em Exu, fez com que, durante os primeiros contatos com os missionários, houvesse uma

¹Cavalo, veículo e aparelho são adjetivos que as entidades denominam seus médiuns, quando incorporam.

² As oferendas estão relacionadas a presentes que as pessoas dão com o intuito de agradecer, fazer um pedido ou apresentar um Orixá ou entidade.

divisão de sua identidade. Tal processo desenvolveu-se devido às assimilações e comparativos dos elementos presentes na figura do Diabo com relações representações materiais e os símbolos fálicos³, retirando o caráter divino presentes em Exu. O antropólogo Raul Lody descreve Exu da seguinte maneira:

Exu, Orixá, é o primeiro porque inaugura e está em tudo; na natureza e no próprio corpo do homem. Por isso fala do Orixá são também falar do universo, dos elementos que se relacionam nos imaginário do cotidiano e nos demais rituais sociais (...). Os aspectos cômico, sexual, trágico, de ancião e de tudo o mais que integra a presença de Exu reforçam o seu sentido de divindade, fazendo que ganhe intimidade na tradição afro-brasileira, além de afeto e de reconhecimento como companheiro dos defeitos e das virtudes humanas (LODY, *apud*. MARTINS, 2008. p. 07).

Todos esses elementos presentes em torno do Orixá Exu, dentro da Umbanda, são inseridos e também ressignificados em sua fundamentação, tendo semelhanças e distinções em certos aspectos. A figura representada o Orixá Exu e a entidade Exu não são a mesma coisa, principalmente para aqueles que o cultuam, sendo a primeira a base fundamentadora para a construção da entidade Exu presente no universo religioso da Umbanda.

1.2 EXU: O COMPLEXO GUARDIÃO DO UNIVERSO DA UMBANDA

É muito comum encontrar em uma casa de Umbanda uma figura vestida de preto e/ou vermelho, às vezes usando capa ou cartola nas mesmas cores, fumando charuto e bebendo marafo⁴. Às vezes, dando gargalhadas falando de forma coloquial e simples, ou às vezes, se apresentando de forma mais reservada e séria. Essa figura se apresenta com vários nomes: Seu Tatá Caveira, Seu Tranca Ruas, Seu Sete Encruzilhadas, Seu Marabô, entres outros nomes. O escritor e Umbandista Ademir Barbosa Junior (2011) os define que

sua roupa geralmente é preta e vermelha, podendo usar capas, bengalas, chapéus e instrumentos e punhais. Como soldados e policiais do Astral, utilizam uniformes apropriados para as

³ Os símbolos fálicos fazem a representação do órgão sexual masculino, que na Umbanda está relacionado ao triângulo, presente nos tridentes dos Exus e Pomba-giras, fazendo uma conexão dessas entidades com a sexualidade tanto masculina quanto a feminina.

⁴ Nome que se dá a bebida alcoólica entregue a entidade Exu.

batalhas, diligências e outros. Suas emanações, quando necessário, são pesadas e intimidam. Em outras circunstâncias, apresentam-se de maneira elegante. Em outras palavras, sua roupagem fluidica depende de vários fatores como evolução, função, missão, ambiente etc. Podem ainda assumir aspecto animalesco, grotesco, possuindo grande capacidade de alterar sua aparência. (BARBOSA JUNIOR, 2011, p. 99)

Presente nas “giras de esquerda” ou “magia”, a entidade Exu é uma das mais conhecidas, respeitadas e temidas. Denominados como “povo da rua”, os Exus são conhecidos, de forma bem generalizada, como aqueles que conseguem resolver qualquer problema seja ele amoroso, familiar ou financeiro. Juntamente com eles, dentro das “linhas de esquerda”, também se encontram as Pomba-giras e, em determinados contextos, Exus e Pomba-Giras Mirins.

Manifesta-se em seus “cavalos” como homens de meia idade, ou seja, entre 35 e 55 anos, sendo a sua personalidade ou forma de manifestação regente ao campo de vibração que os mesmos trabalham (BARBOSA JUNIOR, *op.cit.*), que podem ser as estradas, cemitérios e encruzilhadas. Os Exus dos cemitérios são entidades que agem geralmente em trabalhos, obrigações e em descarrego, mas não em consultas e apresentam-se sérios e discretos. Os Exus de encruzilhadas são entidades que agem em trabalhos, obrigações e descarrego, mas também dão consulta apresentam-se nem tão sérios, mas também nem tão brincalhões. Já Exus das estradas são entidades que se movimentam bastante, são brincalhões e tem na gargalhada uma de suas características.

Na literatura Umbandista, como *O Guardião dos Caminhos*, de Rubens Saraceni (*op. cit.*), *Exu Sete Espadas: O Guardião da Lei Maior* (2007) de Maria Célia Dias da Silva, *Eu Sou Exu, Eu sou a Luz* de Joice Paciente (*op. cit.*), os Exus são entidades desencarnadas que, em vida, tiveram uma vida difícil, com experiência de violência, vingança, ódio, que fizeram esse espírito. Ao desencarnar, se encontraram em um plano espiritual mais denso e negativo e estão em processo evolutivo. Essa definição é bem mais complexa, pois essa noção de evolução não está relacionada a sair das trevas, muita pelo contrário, eles são denominados agentes das trevas, aplicadores do carma e guardiões

do plano físico e espiritual. A noção de Céu e Inferno, assim como a de Bem e Mal não se apresentam de formas dicotômicas e separadas, mas se encontram mescladas esse encontra presente mais no particular intencional de cada indivíduo.

Para esclarecer tal afirmação, é necessário abordar algumas fundamentações escritas por estudiosos umbandistas. Rubens Saraceni (2011) é um dos principais autores de obras que abordam a questão da entidade Exu, em seu livro *Orixá Exu: Fundamentação do Mistério Exu na Umbanda*, explica alguns elementos da fundamentação dessa entidade desde a sua origem vinda representação do Orixá Exu.

Segundo ele, para entender a fundamentação da entidade Exu, é preciso compreender o seu papel dentro da própria criação do Universo. Segundo o autor, Deus - Lei Maior, espiritualidade Maior - criou dois seres ou divindades de polaridades oposta: primeiro o Orixá Exu, o Vazio Absoluto, e depois o Orixá Oxalá, o Espaço Infinito, que pode ser entendida de for mais sucinta como as polaridades e entre positivo e negativo, criação e destruição, que estabeleceria o equilíbrio e sustentação do funcionamento do universo.

O fator transformador presente no Orixá Exu, permite que haja mudanças na realidade, desencadeando a existência de possibilidades e transformações, presente nas ações dos sujeitos. O Orixá Exu rege as consequências, o carma, as mudanças derivadas das ações humanas. Para Saraceni, esses fatores é o que baseiam fundamentações como “sem Exu não se faz nada”, pois, segundo ele, é somente com o fator transformador presente na essência do Orixá Exu que as individualidades e as ações existem.

Mas como isso se relaciona com a entidade Exu presente nos terreiros de Umbanda? Saraceni define que

[...] todos são espíritos que já viveram na Terra, tem sua história e se tornaram Exus a duras penas, pois é sob a irradiação do Orixá Exu que estão evoluindo e servindo a Lei Maior. (...) Os seres Exu de natureza divina tem suas hierarquias de seres Exu naturais e estes tem as suas hierarquias de seres espirituais exunizados. Esses espíritos exunizados são espíritos que desenvolveram no seu íntimo uma afinidade com o mistério Exu e nele se iniciaram, tornando-se seus manifestadores espirituais ou foram espíritos tragados pelo vazio e perdeu o direito à plenitude de Oxalá. (SARACENI, 2017 p. 122)

Antonio de Alva (1973), em seu livro *O Livro dos Exus*, explica a organização e hierarquia dessa entidade. Utilizando a codificação de Allan Kardec sobre a hierarquia espiritual, o autor acaba concluído nessa parte da análise que a entidade Exu se encontra na categoria de Espíritos Imperfeitos ou Impuros. Porém ao questionar a associação negativa que certas palavras usadas quando se referem a essa entidade, o autor indaga:

[...] não me preocupo com a origem da palavra preocupo-me, tão somente, com a sua significação. em outras palavras, quero dizer que, na verdade, só me preocupo com o fato de que, como Exu, entendo eu os Espíritos pertencentes a categoria dos Missionários do Mal. É Exu ou Kiumba, para mim, o Agente Magico Universal, o” Dono e senhor das encruzilhadas, o elemento que, fazendo o mal, como se costuma dizer, está na verdade praticando o bem. (ALVA, 1973, p. 17).

O autor, ao abordar diretamente a questão ordem e hierarquia dessa entidade, produz uma reflexão sobre a alegoria do cristianismo do “anjo belo”, sua queda e a transformação no Satanás, no qual vai questionar justamente essa a separação da figura do Diabo, Mau e Deus, Bom

Não era o Anjo Belo ou Querubim?!... O mais perfeito e mais belo de todos os Querubins?!... Não eram outros Anjos (os que surgiram) espíritos puros que, por isso mesmo, viviam do lado de Deus?!... Como Deus, não teria o Criador adivinhão (seria o termo adequado) as intenções e antes disso, os próprios pensamentos de seu escolhido Anjo Belo?!... Será que em sua consciência, poderá se aceitar a ideia de revolução no Céu?!...”(ALVA, op. cit.p. 21)

No livro *Umbanda dos Pretos Velhos*, escrito por Antonio Alves Teixeira Neto, o autor continua essa reflexão, no qual afirma:

Para nós, portanto, Diabo, Satanás, Capeta, Demônio, Exu, ou como quiser chamar, nada mais é que uma criação divina necessária, indispensável e oportuna, lógica e aceitável, justa boa e perfeita, como todas as demais, divinas que são, divina que ela é também. Tudo tem seu oposto, seu avesso, o seu inverso, o seu antagônico, toda ação gera uma reação, é coisa já nossa bastante conhecida. (TEIXEIRA NETO, 1965, p. 21)

Ambas das reflexões sobre a fundamentação da entidade Exu, por mais que sigam perspectivas distintas uma da outra elas, elas possuem suas semelhanças. Ambos os autores falam do ponto de atuação dessa entidade, que seria essa definição de “Senhores das Trevas”. A Entidade Exu, na

Umbanda, trabalha como aplicador do carma e das ações humanas, no qual as noções de bondade e maldade vão estar inteiramente ligadas aos sujeitos que se encontram presentes nessa religião, seja ele membro, frequentador ou consulente.

Por isso, existe uma complexidade desde a sua fundamentação, pois mesmo que haja essa dicotomia presente nas representações da entidade Exu, seus elementos, se encontram interligados um no outro. Os aspectos negativos ou ruins relacionados a essa entidades são ações e reações vindas daqueles que “alimenta”, seja eles membros, frequentadores ou consulentes.

As ações dessa entidade na Umbanda podem ser entendidas como “justa”, no sentido de “você colher aquilo que se planta”, ajuda aquele que precisa de ajuda, castigue aquele que merece se castigado, atende pedidos e trabalhos, no qual não vem dele se é boa ou ruim, mas sim daquele que pede tal serviço, porém será essa mesma entidade que vai devolver as consequências de tal pedido ou trabalho.

Simbolizado como guardião, protetor, regente e aplicador da lei carmica, ação e reação, a entidade Exu possui em sua fundamentação elementos que geram uma ambivalência de sentido, por exemplo, ele é do Bem ou do Mal, no qual ele se encontra presente em ambas e ao mesmo tempo em nenhuma. O peso negativo ou positivo, de ruim ou bom, provem do sujeito que se relaciona com essa entidade. São essas particularidades que justamente vão construir essas diversas representações que não se limitam a noção de Bem e Mal, que, como já foi mostrado essa limitação entre os dois extremos também não se encontra presente na fundamentação da Umbanda em seu contexto geral.

1.3 DIABO: O SENHOR OS MALES DAS CRENÇAS JUDAICO-CRISTÃO

O Diabo possui vários nomes, desde as nomenclaturas a nomes adjetivados, associados sempre a coisas ruins ou males que afetam a humanidade. Quando se falar da representação do Diabo, sua figura se encontra associada a historia do mais belo e o mais poderoso dos anjos que se rebelou contra Deus, o que levou a sua expulsão do Céu, se tornando a

majestade e senhor das trevas e inimigo declarado de Deus. José Antonio Valverde afirma que:

[...] definitivamente a imagem mais estendida em nossa civilização é a do Diabo enormemente poderoso. Dono e Senhor das Trevas, inimigo declarador de Deus e, como consequência, do gênero humano, o qual pretende corromper utilizando os mais refinados procedimentos. Tudo lhe parece pouco contanto que arraste as almas à perdição de seu Inferno, arrancando-as do destino que Deus lhe reservou, privando-as de seu lugar no Paraíso. (VALVERDE, 1987, p. 17).

O autor, essa narrativa está relacionada a sentimentos de amargura e de uma luta constante das forças do mal em revanche contra Deus, seus anjos bons e a sua criação. Essa luta entre esses lados opostos, justamente alimentam arquétipos como o de pureza e a turvação. De fato, essas dicotomias estão presentes na construção da imagem do Diabo: oposição entre o que é divino e profano; casto e leviano; santo e pecador; delicado e grotesco.

Valverde também afirma que essa contradição entre o Diabo e Deus levou a interpretação da história do anticristo, ou seja, a própria contradição de Satã com a figura de Jesus Cristo. O jogo, *Outlast 2*, lançado em 2017 pela Red Barrels Studio, consegue ilustrar bem essa relação. No jogo a figura do Diabo está associada à vinda do fim dos tempos representada pela figura do anticristo, que seria o fruto das relações sexuais entre uma mulher e o Diabo, fazendo com que as pessoas matassem as crianças recém-nascidas a fim de evitar a chegada do fruto do mal. A relação entre sexualidade feminina e o Diabo fundamenta discursos misóginos do cristianismo no qual a mulher como intermediadora e colaboradora na condenação da humanidade. Eva, seduzida pela serpente, comeu o fruto proibido por Deus e induziu Adão ao mesmo ato condenando, assim, toda a humanidade a nascerem do pecado, ou seja, o sexo.

Tais elementos produziram “discursos diagnósticos” da presença do Diabo na humanidade principalmente relacionado à sexualidade das mulheres, no qual o sexo era visto como um caminho mais fácil de chegar à perdição, satisfazendo os desejos insaciáveis do Diabo. Símbolos como o bode e a sua

associação com o fálico são muito presentes em livros ou enciclopédias de conteúdo ocultista como *Dogma e Ritual de Alta Magia*, de Eliphas Levi (2017), e o *As Ciências Proibidas: Enciclopédia do Ocultismo: Satanismo e Bruxaria*, de José Antonio Valverde, de 1987.

O sexo teria outra importância para os devotos de Satã,. Acreditava-se que a aquisição dos poderes sobre naturais por uma bruxa era através do sexo com Diabo, em sua forma “real”, o que era caracterizado como um processo doloroso. Seriado como *Sobrenatural*, de 2005, da Warner Bros., e *O Mundo Sombrio de Sabrina*, da Netflix, de 2018, apresentam essa relação entre sexualidade e sexo e a figura do Diabo. No caso da série *Sobrenatural*, o beijo e o sexo são elementos presentes quando algum demônio realiza um pacto com um humano, já no caso da série *Mundo Sombrio de Sabrina*, a sexualidade a luxúria está vinculada a imagens das bruxas, que são associadas como amantes do Diabo. Sobre essa relação do sexo e o Diabo, Valverde afirma que muitos

[...] depoimentos de mulheres que foram supostamente possuídas por Satã, abundam em sua capacidade amatória deste era desmesurada. Quase todas apesar das dores e de outros inconvenientes como sentir seu ventre inundado pelo ardente sêmen negro (?) que abrasava, ficavam satisfeitas e exaustas (...). O que mais machucava as bruxas não era o tamanho do falo satânico, verdadeiramente extraordinário, segundo as testemunhas, mas sim o fato horripilante de que este estivesse coberto por escamas duras, semelhantes às dos peixes e colocadas de um ângulo para trás. (VALVERDE, *op. cit.*. Pg. 21,)

Outro elemento característico associado ao Diabo é a possessão. A possessão estava caracterizada como uma das formas que Satã utilizava para corromper a humanidade, levando o mesmo a cometer diversas ações, consideradas pecados aos olhos da Igreja, para no fim ter a sua alma levada para o Inferno. As reações dos possessos eram geralmente a impulsividade, agressividade e crises convulsivas, assim como inchação do ventre, língua suja e hálito fétido caracterizavam a possessão diabólica

Deformam-se os traços de seu rosto, convertendo-se em verdadeiros monstros, até a cor dos olhos e a curvatura modificam. Podem cometer, também, todo tipo de excessos físicos. Talvez o mais compreensível de todos seja o poder de girar a sua cabeça 360 graus. Finalmente, o sintoma que quiçá mais lhes

delate seja o seu ódio a Deus e aos demais símbolos sagrados que lhes fazem proferir injúrias, constantemente, contra todo o divino e humano (VALVERDE, op. cit.p. 34).

Para Valverde, a figura do Diabo, se encontrou “esquecido” durante séculos, devido o movimento “racionalista”, no qual esses males, a ele, nada mais são frutos ou consequências das ações realizadas pelos sujeitos.

1.4 EXU DE GUARDIÃO A DEMÔNIO: AS REPRESENTAÇÕES E SUAS CONSTRUÇÕES

Existem diversas ramificações da Umbanda, de acordo com a afinidade que cada pai-de-santo, médium ou consulente possui para desenvolver a sua mediunidade. Ademir Barbosa Junior (*op. cit.*) enumera, menciona, organiza e classifica essas ramificações, através de suas diferentes fundamentações e formas de realizar o ritual religioso. Dentro do Universo da Umbanda, tem-se a Umbanda de Almas e Angola, que é uma união entre a Umbanda Tradicional e os ritos africanistas do Candomblé de Angola, a Umbanda Branca ou de Mesa, no qual não se utilizam elementos africanos, não trabalham com Exus e Pomba-giras, mas trabalham com Caboclos, Preto-velhos e Crianças, assim com a sua base doutrinária os livros espíritas. A Umbanda de Caboclo, onde o foco é nos Caboclos e com forte influência com as culturas indígenas. A Umbanda Esotérica, que tem como seu representante e difusor W. W. Matta Pires, no qual visa o conjunto de leis divinas, também fazem uso de práticas consideradas de cunho esotérico-ocultista (cristais, numerologia, mantras, meditação, etc.). Umbanda Iniciática, derivada da Umbanda Esotérica, fundamentada por Rivas, possui grande influência da cultura oriental principalmente em termos de mantras indianos e utilização do sânscrito, e há a crença de que a Umbanda é originária de dois continentes míticos perdidos, Lemúria e Atlântida. A Umbanda Omolocô, que se encontra conjuração dos cultos dos Orixás e Guias e das Linhas de Umbanda, a Umbanda Popular ou mais conhecida como conhecida como macumba, onde possui um forte sincretismo dos Orixás com os santos católicos. A Umbanda de Preto-velho, que seria a Umbanda que tem em seu comando ao Preto-velhos. A Umbanda

Traçada ou Umbandonblé, no qual em dias e horários diferenciados, o sacerdote Umbanda ou/e Candomblé. E por último a Umbanda Tradicional ou espiritualista, que é organizada por Zélio Ferdinando.

As diferenças que compõem o Universo da Umbanda possuem similaridades no culto, nos nome e apresentação de algumas entidades, no entanto, diverge em outros como em aspectos ritualísticos, o modo que é visto e trabalhado a mediunidade e as entidades presentes nas giras. A Umbanda Espiritualista, que é o foco de análise desse trabalho, tem a sua origem no Rio de Janeiro, fundada por Zélio Ferdinando de Moraes no ano de 1908. É denominada espiritualista devido à presença de elementos do espiritismo Kardecista em sua formação, mas dentro de seus rituais não seguem diretamente a doutrina kardecista. Assim ela é espiritualista e não espírita. Em muitas casas de Umbanda, principalmente a Espiritualista, se encontram elementos como imagens de santos, entidades e orixás, as entidades fumam e bebem, tendo presença de músicas, chamando de pontos cantados, no qual algumas entidades até dançam, além de que muitas dessas entidades utilizam certos objetos e adereços de gosto particular deles. As sessões são divididas em duas, a primeira chamada de direita a linha branca onde entidades como Caboclos, Preto-Velhos, Crianças, Boiadeiros, Baianos, Cangaceiros, Marinheiros entre outras entidades. A segunda, denominada como esquerda ou linha vermelha onde as entidades como Pomba-giras, Exus e Pomba-giras Mirins e a entidade Exu.

Sendo a Umbanda composta por essas diversas ramificações, não possui uma fundamentação única e universal, principalmente quando referido as entidades presentes em seu culto, devido às distintas visões sobre as imagens construídas em torno das mesmas. Existem algumas casas que não trabalham, de maneira direta, com as entidades da chamada “linha de esquerda” ou “linha de magia”, devido à associação a essas entidades a espíritos não evoluídos ou trevosos. O Exu, tanto o Orixá Exu quanto a entidade Exu, assim como outras entidades presente nas giras de esquerda, dependem da interpretação dos sujeitos com relação aos seus símbolos. Esses discursos estão inteiramente ligados à dicotomia das representatividades dessa entidade.

Essas esferas representativas podem ser também ilustradas pelos conceitos de *Inconsciente Coletivo* e *Arquétipos*, de Carl Jung (2011). Para o autor os sujeitos, dentro de um contexto social, especificam e possuem dentro de si modos e comportamentos em comum, materializados nas vivências e convivências ao longo da vida. Essa construção psíquica dos sujeitos, segundo Jung, não modela somente o *Eu* enquanto sujeito social, mas também estabelece o modo com que será visto e construído *outro*, que não pode ser entendido como outro sujeito, mas sim outro pensamento, ideologia, discurso, etnia, gênero, nacionalidade, religião, sexualidade, etc. Ou seja, qualquer elemento que seja oposto daquele *eu* construído socialmente. Isso também estabelecerá se tais relações serão harmoniosas ou conflituosas, dependendo do modo que esse *eu* construir sua visão particular sobre o que seria esse *Outro*.

Nesse contexto, os *Arquétipos* são justamente essas categorias representativas em que esse *eu* procura se estabelecer nas relações sociais. Por exemplo, o *Arquétipo do Herói*, é a idealização da figura do bom cidadão, cujas ações estão relacionadas ao bem-estar coletivo, que se encontram representadas nos clichês cinematográficos dos “mocinhos”, nas literaturas de quadrinhos representados pelos super-heróis que lutam contra os inimigos malfeitores que põe em risco justamente esse bem-estar social.

Esses *Arquétipos*, em um contexto ocidental, possuem discursos nos quais constroem representações relacionadas às ideologias ocidentais que produzem imagens idealizadas. Não somente esteticamente, mas também ideologicamente, eles carregam em suas representações valores e padrões relacionados à figura do “bom cidadão” que caracterizam o sujeito social ocidental. A Igreja assim como o próprio fenômeno religioso se encontra presente na estrutura social, sendo, como o próprio Foucault afirmou uma das instituições normalizadoras dos discursos sociais, principalmente com relação ao que se entende de certo ou errado. Não seria o “bom cidadão” um reflexo do “fiel devoto”? Ou a construção da imagem do “infrator” com da de “pecador”? Ou até mesmo o “bem-estar social” relacionada à figura do “Paraíso”?

Esses aspectos dicotômicos presentes na ideologia religiosa judaico-

cristã que dão base aos discursos sociais que vão construir esse *eu* cidadão/sujeito social, assim como a sua perspectiva sobre o mundo, independente se o mesmo se encontra presente em um espaço ou contexto religioso específico, pois esses discursos transcendem esses espaços físicos. Porém, *Inconsciente Coletivo* defendido Jung não deve ser visto como universal, por mais que transpareça uma universalidade ou unilateralidades, ele depende das interpretações particulares de cada um desses sujeitos sociais, pois é isso que dará o valor simbólico para essas ideologias e discurso, se transformando, construído e desconstruindo no decorrer dos tempos.

A religião, assim como qualquer estrutura de poder, deve ser compreendida como instituições que possuem um complexo de relações que dominam, coagem e controlam os indivíduos, utiliza a mesma estrutura discursiva desde a sua “origem”, pois as mesmas sofrem mudanças devido a movimentos e transformações sociais, culturais e políticas que ocorrem ao longo da história. Um exemplo disso é os próprios processos sincréticos dos elementos simbólicos africanos com elementos simbólicos católicos.

O sincretismo religioso, de forma bem geral, foi à assimilação de elementos religiosos que se encontram espaços diferentes, relacionados à ideia de “semelhanças nas diferenças”. Tal processo possui opiniões diversificadas pelos estudiosos, principalmente nos reflexos simbólicos que tais assimilações produziram. Isso é compreendido por alguns autores como Reginaldo Prandi (*op. cit.*) como um movimento hegemônico, em que a fusão simbólica ocorre de elementos religiosos católicos com relação aos elementos religiosos africanos, entretanto o movimento inverso de tal processo não ocorre ou não é “permitido” ocorrer. O filme *O Pagador de Promessas*, dirigido por Anselmo Duarte de 1962, ilustra como esse processo inverso do sincretismo acaba não ocorrendo. O protagonista não é permitido realizar o cumprimento de uma promessa dentro de uma igreja Católica, para uma Mãe-de-santo do Candomblé, pois o padre da igreja afirma que tal promessa foi feita em circunstâncias “pagãs”.

O sincretismo não é um processo de mão única, ou seja, como uma desconfiguração dos símbolos religiosos africanos, mas também envolve a

apropriações legítimas por parte dos oprimidos de bens simbólicos do opressor, afinal sincretismo não pode ser entendido como a violência em si, mas um discurso presente na estrutura de poder, que vai legitimar processos de violências e eliminação dos conflitos e das diferenças do *Outro*.

Rita Laura Segato (2005), no livro *Santos e Daimones*, faz uma análise do sincretismo religioso como complementaridade dos cultos afros, em consequência do sentimento de incompletude em sua mitologia decorrente da remoção forçada de seus antepassados de sua terra natal. Para ela o sincretismo seria uma forma de preencher essas lacunas mitológicas presentes na tradição e no culto. Apesar de não questionar o elemento histórico presente no processo de sincretismo, a autora afirma que

[...] pude observar isso em virtude da necessidade que as pessoas tinham tanto da mitologia de origem africana como os ícones católicos para poderem descrever as suas categorias que estudei. De fato, era evidente que, quando a mitologia tradicional se mostrava incompleta e falhava em alguns aspectos da imagem de um dado orixá, as pessoas recorriam ao sincretismo católico do orixá para preencher as lacunas na informação, na construção da imagem. (SEGATO, 2005. p.141).

Outro autor que analisou esse processo foi Roger Bastide (1973) inicialmente tratando o como algo mais antigo, utilizando os escritos de Ninas Rodrigues que já denotava esses processos sincréticos nos rituais afro-brasileiros. Bastide utilizou a noção da multiplicidade, para explicar as diferentes associações de diferentes santos católicos para um único orixá. Utilizando essa noção de multiplicidade de Bastide, Márcio Goldman (2003) crítica a noção de um sincretismo religioso único. Para ele, os sincretismos são processos históricos complexos onde uma série de traços originam novas realidades, realizando uma crítica a noção de pureza dos rituais afro-brasileiros.

Seguindo para uma análise relacionada à construção dos discursos históricos, Reginaldo Prandi (*op. cit.*), aborda o tema do sincretismo como uma implementação da lógica de mundo do catolicismo. Utilizando o exemplo da demonização da entidade Exu, no qual a construção da dualidade do mundo entre opostos, como no caso do bem e mal, universalizado em um código de ética voltado a esse binarismo. Essa entidade, neste contexto tem a sua

imagem separada a dos demais orixás e sendo posto como uma representação aos males e entidades demoníacas, diretamente ligadas à figura do Diabo. Em consequência disso, houve uma reconfiguração simbólica dos elementos associados a essa entidade, como chifres, tridentes, rabos e pés de bode.

Tais apontamentos permitem que as representações associadas a essa entidade sejam colocadas no âmbito mais particular de cada sujeito, no qual as noções de guardião, protetor, rei, mentor, encosto, demônio, trapaceiro entre outros, são categorias arquetípicas que os sujeitos vão construir ao se depararem com essa entidade e que vão construir essas representações, sejam elas positivas ou negativas.

Outro elemento é adesão da noção do discurso hegemônico presente na formação dessas representações, levando a interpretações de elementos dessa entidade configuradas em um contexto no qual ela não se enquadra unicamente, ou seja, associar a figura da entidade Exu a uma lógica de mundo dicotômico. Fazendo com que haja um choque entre os discursos sobre essa representação, no qual produz englobamento dessas categorias em polos representativos: Exu do bem e Exu do mal.

A representação da entidade Exu, nesse contexto, pode ser ilustrada a partir da construção dos discursos produzidos tanto dentro dos terreiros quanto fora dos mesmos, no qual distintas lógicas de mundo, a africana e a europeia judaico-cristã, se encontram e se relacionam, seja de forma harmoniosa ou conflituosa, configurando toda uma complexidade na construção dessa entidade. Partindo desse ponto surge o questionamento: como dentro de um contexto hegemônico, a representação da entidade Exu pode ser analisada? Qual é o papel da construção dos discursos para construção da representatividade? Esses questionamentos abrangidos a partir dessa análise serão aprofundados no capítulo seguinte deste trabalho.

2. DISCURSOS E SÍMBOLOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS REPRESENTAÇÕES

A complexidade da construção da representatividade da figura do Exu necessita de uma análise detalhada dos discursos presentes em torno dessa entidade. Inicialmente, deve-se ter em juízo que a noção de discurso não se limita ao "texto escrito", senão palavra, frase ou imagem que possua um valor simbólico e interpretativo entre sujeitos. Na construção das representações, Said (*op. cit.*), afirma que estas são justamente discursos que enunciam uma ideologia, com objetivo de sintetizar todo um conjunto de normas e pensamentos sociais voltados ao exercício do controle da realidade apresentada.

Nenhum discurso é isento de construção ideológica, determina seu peso interpretativo, na relação entre os sujeitos em interação. Sendo assim, o discurso possui diferentes efeitos nos sujeitos e na realidade. Nenhum discurso terá o mesmo sentido ou peso interpretativo para os indivíduos em interação. As distintas conotações dos discursos constroem diferentes pesos simbólicos que, ao serem enunciados, estabelecem pesos positivos ou negativos aos fatos sobre o qual esses discursos se pronúncia.

Esses tipos de análise discursiva são possíveis através dos conceitos de *Formação Discursiva e Formação Ideológica*, abordados por Michel Foucault (*op. cit.*) e Michel Pêcheux (1988), utilizados para análise das condições da construção dos discursos e, conseqüentemente, as práticas sociais a eles relacionadas. Para Michel Foucault, a *Formação Discursiva* poderia ser compreendida como um conjunto de elementos sejam eles símbolos, palavras e seus significados, presentes nos discursos enunciados pelos sujeitos. Foucault define tal conceito de seguinte forma:

[...] se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, *op. cit.* 43.).

Incorporando esse conceito de Foucault, Pêcheux, vai definir o conceito de *Formação Ideológica*, pois é, segundo o autor, o que vai possibilitar que um mesmo discurso possua diferentes significados e sentidos, devidos ao caráter “regional”, ou seja, o contexto esse discurso se encontra inserido. Pêcheux define tal conceito como algo que introduz a ideologia no conceito de *Formação Discursiva*. Em *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, de 1988, Michel Pêcheux, ao falar sobre o conceito de *Formação ideológica* o define como “[...] conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras.” (PÊCHEUX, *op. cit.*: 166). Pêcheux, utilizando as ideias de Gramsci, compreende o discurso como um sistema de relações de sentido, que influenciam relações sociais, políticas e culturais ao determinar seus valores. Tais relações de sentido produzem conflitos subjetivos ocasionados, segundo Pêcheux, pela hegemonia política estabelecida pela sociedade.

As distintas representações de Deus e o Diabo se encontram presente no inconsciente coletivo e associado à figura de Exu. As noções de bem estar associada a algo que o sujeito deseja alcançar, que é oposto do mal não desejável, em que, ambas não possuem um significado ou descrição definido, mas que possuem um sentido compartilhado.

Os conceitos de representação e de discurso se encontram interligadas e presentes nas lógicas de poder que as utiliza como ferramenta de construção de valores e normatizações nas relações sociais. No campo do estudo da religião, tais conceitos permitem compreender as construções, as ressignificações, as reconfigurações de elementos e símbolos religiosos, pois são esses elementos e símbolos que estruturam os discursos representativos, tornando-se mais latente ao se confrontarem umas com as outras.

No caso da construção da representação da entidade Exu, esses elementos e símbolos se relacionam e entram em choque com outras representações e significados, que tiveram seus reconfigurados e vinculados à ideia de bem e mal presente na ideologia judaico-cristã. A própria noção de

discurso religioso possui elementos enraizados no desnível da relação de Deus e seus ouvintes. Ou seja, a separação do divino e do humano, pois o “humano”, imerso em “pecados”, necessita da ritualização para aproximar do divino. Cada religião possibilita a conexão do sujeito com o divino de forma específica, mas é o modo se relacionam com o divino segue estruturas similares. O rito altera o modo que esse sujeito se portar. Para compreender as construções presentes nos discursos em torno da figura da entidade Exu assim como as suas representações, é necessário realizar uma análise tanto histórica quanto discursiva desses elementos e símbolos encontrados em torno dessa entidade.

2.1 DO CÉU AO INFERNO: ANÁLISE DISCURSIVA DOS ELEMENTOS E SÍMBOLOS DA ENTIDADE EXU

A construção das representações perpassa tanto nos âmbitos macro quanto micro das relações sociais, fazendo com que fronteiras entre o *interdiscurso* e o *intradiscurso* não seja fixas e universais. No campo das religiões essa maleabilidade se encontra presente na construção do discurso assim como os elementos e símbolos utilizados na religião. Sendo assim, nenhuma imagem, símbolo, figura ou até mesmo uma palavra terá o mesmo efeito de sentido, se colocada em outro contexto.

Os processos do *sincretismo* e *religiofagia* relacionados às religiões afro-brasileiras ilustram essa maleabilidade de sentidos e significados. A imagem da cruz, por exemplo, pode ter diferentes significados e interpretações dependendo do contexto em que ela é inserida. A entidade Exu possui em torno de si inúmeras imagens e símbolos que constroem discursos assim como as suas representações. Independente da polaridade representativa que elementos, imagens e símbolos se encontrem, ou seja, na representação de Exu Bem ou Exu Mal, eles possuem construções discursivas específicas, em contextos específicos.

A primeira análise realizada é justamente a construção dessas polaridades discursivas da representação da entidade Exu tanto no *interdiscurso* quando no *intradiscurso*. A contextualização histórica das

principais imagens associadas à entidade Exu, abordada anteriormente, leva ao questionamento e análise de como tais imagens foram associadas e construíram tais representações.

A ampliação da noção de discurso para algo além do texto escrito possibilita perceber sua presença e “efeito” nas relações sociais. Analisar a construção da representação do Exu possibilita explicar a complexidade presente em torno da mesma, pois no próprio universo da Umbanda, de maneira geral, a construção da entidade Exu não se limita a noção bipolarizada de Bem e Mal.

A entidade Exu é o Diabo? A resposta desse questionamento é não, se compreendido no sentido literal no qual essa pergunta é realizada. Embora, tal questionamento foi o que motivou a pesquisa que resulta neste TCC, a mesma não deve ser utilizada neste contexto de análise, pois, como já foi dito, a representação da entidade Exu, no universo da Umbanda Espiritualista, não se limita a essa separação de Exu Bem e Exu Mal. No âmbito das construções discursivas da umbanda, essas representações não são excludentes, no qual, são os efeitos de sentido que serão responsáveis por essa separação.

Umbanda possui dentro da sua formação a junção de vários elementos religiosos em sua base, o que produziu a assimilação simbólica de vários elementos, como por exemplo, o forte *sincretismo* dos Orixás com santo Católicos. Pode-se encontrar as imagens de Jesus Cristo, junto com a de Iemanjá ocupando os altares nos terreiros de Umbanda, o que ocorre também em alguns pontos cantados no qual se encontra presente essa assimilação e associação entre os Orixás africanos e os santos católicos como indicado no trecho de uma desses pontos destacados.

*Yemanjá, cadê Ogum,
foi com Oxóssi ao rio de Jordão,
foram saldar São João Batista,
e batizar Cosme e Damião.*

Nos rituais de “esquerda”, ou Quimbanda, tal assimilação também se encontra presente. Um exemplo seria a associação das entidades de esquerda com os Orixás, como os Exus regentes a linha de Ogum ou de Oxóssi, tendo

as suas imagens relacionadas à de um cavaleiro, no caso na linha de Ogum, quanto associados à imagem da figura de um Pajé, no caso da linha de Oxóssi. Outro exemplo é o paralelismo entre o culto de Cosme e Damião, que seriam as crianças da direita, com o culto dos Exu-Mirins, que seriam as crianças da esquerda, no qual a única diferença seria o campo de atuação assim como certas formas de se manifestarem e se comportarem, sendo, em alguns casos, os Exus Mirins um pouco mais agitados que as crianças de Cosme e Damião. Entretanto existem outros elementos presentes nesses rituais possuem *formações discursivas* colocadas como universais, sendo muitas delas associadas à figura do Diabo judaico-cristão.

O campo de atuação, ou seja, os locais que eles se encontram e “moram”, no qual entidades trabalham ou se encontram presente, é o que auxilia separar entre elas em linha branca, ou direita, com as entidades de linha vermelha, ou esquerda. Essa separação estrutura o ritual, assim como as fundamentações das entidades para a religião, como nomes, símbolos, vestimenta, gesto e comportamentos. Por exemplo, na chamada “linha branca” existe a entidade conhecida como Caboclos, no qual possui uma representação associada à imagem do indígena como bravo, forte, valente, que usa cocar, penas e arco e flecha. Assim estabelece-se o seu modo agir, sua fala ou até mesmo em sua descrição de aparência, construindo traços gerais que uma determinada entidade pertence a essa linha ou falange ou grupos de espíritos denominado Caboclo.

Junto a tal representação generalizada dos Caboclos, existem algumas particularidades e diferenças que não se encontram diretamente ligada a essa imagem. Tal fato se deriva, principalmente na regência ou ligação que determinado Caboclo com um Orixá específico, existem os Caboclos de Oxalá, de Oxum, de Xangô, e assim sucessivamente. Um exemplo dessas particularidades presente nessa representação geral dessas entidades é do caso dos Caboclos de Ogum, no qual essa representação se mescla a figura do santo católico São Jorge, devido ao sincretismo desse santo católico com o Orixá Ogum, no qual a figura do indígena, representadas por essa entidade, se encontra a associada à imagem de um cavaleiro branco, de armadura montado

em um cavalo.

Essa estrutura também se encontra presente na “linha vermelha” e influencia na sua organização e bem como na sua hierarquia. Essa relação da entidade Exu com os outros Orixás constrói uma estrutura de classificação e hierarquia de Exu dividindo-a em diferentes exus, que se manifestam nos rituais de Quimbanda, ou “esquerda”. A fragmentação dos elementos simbólicos presentes em torno da representação do Exu em diferentes exus é o segundo passo que permite justamente choques discursivos que formam distintas representações, em que dentro de um mesmo terreiro, em uma gira de esquerda vão encontrar exus mais extrovertidos outros não, uns que realizam trabalhos e despachos para a resolução dos problemas de seus consulentes, enquanto outros utilizam o diálogo como forma de ajudar seus consulentes. Além disso, cada uma dessas entidades Exu, vai possuir uma narrativa sobre a sua vida antes de serem Exus, no qual, em vidas passadas foram, comerciantes, padres, professores, reis, moradores de rua entre outros, no qual a sua nomeação como Exu, em que, em alguns casos não está relacionado a uma dívida não paga em vida ou redenção dos seus erros antes de morrer, mas sim com a afinidade que determinado espírito tinha com essa entidade.

Se observar os símbolos presentes em alguns pontos riscados de alguns exus, será possível ver vários símbolos, sendo os mais presentes imagem de tridentes, espadas, caveiras, velas, pentagramas e cruces, assim como a ilustrações de túmulos, pedras, flechas, montanhas, ventos, etc. Com exceção da figura do tridente, as demais, em sua maioria, estão relacionadas ao campo de atuação dessa entidade, ou seja, onde ela “mora”, ou ao Orixá que essas entidades se encontram relacionadas. Um exemplo disso seriam as entidades exus relacionados ao Orixá Ogum possuírem em seus pontos riscados, ou em seus nomes, referências à espada, ferro, estrada ou caminho, pois o Orixá Ogum, no universo das religiões afro-brasileiras, está relacionado à figura do guerreiro, aquele que abre os caminhos e que vence demandas.

Mas como esses símbolos e imagens se relacionam na construção da representação da entidade Exu, com a figura do Diabo judaico-cristão? Primeiramente, não são todos os elementos que se encontram presente na

construção da representação do Exu Mal, ou seja, a figura do Exu com o Diabo, a exemplo do mencionado acima. Porém, isso não evita que esses mesmos elementos sejam depreciados sendo postos como “ruins” por outros discursos que não sejam o do diabólico.

Já símbolos como o tridente, os chifres, a cruz, o cemitério, a caveira, ate mesmo as cores preto e vermelho, relacionadas a essa entidades, possuem um discurso próprio dentro da Umbanda que o fundamenta. Mas, juntamente a essa fundamentação discursiva da Umbanda Espiritualista com os seus símbolos, existem os discursos que associam essa entidade a figura do Diabo, comparando os símbolos e imagens a suas representações.

Um dos elementos que produz essa associação e a presença do tridente comumente associada ao Diabo. Assim, esse é um dos elementos que caracteriza sua imagem e presença associando Exu à representação do Diabo. No caso da entidade Exu, é símbolo representativo, no qual o significado ao equilíbrio enérgico cósmico e seus mistérios e caminhos. Quando se utiliza o tridente como um elemento que determine uma presença diabólica, desconsiderando a representação que ele tem no universo da umbanda espiritualista. O problema dessa lógica discursiva se encontra pelo fato de considerar o surgimento desse símbolo com figura do Diabo, sendo que tal símbolo se encontra presente em outras religiões muito mais antigas que o cristianismo a exemplo do tridente de Poseidon da mitologia grega.

Outro elemento que produz essa associação é o fato de algumas entidades serem antropomórficas, ou seja, possuírem partes de animais e humanas, como a presença de chifres em suas cabeças. Uma das características do Diabo, segundo a teologia judaico-católica, é a presença de chifres e patas de bode. Essa associação do bode com a representação diabólica vem da sua associação à virilidade e sexualidades fortemente representadas pela imagem de Pã, da mitologia grega, que também era o deus do medo. O desvio sexual e a sexualidade são considerados uma manifestação da presença do Diabo, principalmente quando relacionado sexualidade da mulher, levando a acusações de pactuação demoníaca e bruxaria na idade média.

Enquanto para algumas religiões a virilidade e a sexualidade representavam fertilidade e fartura, esses mesmos elementos dentro da lógica judaico-cristã são vistos como desvio e como um dos sete pecados capitais, a luxúria. No caso a entidade Exu, os chifres não possuem uma definição muito nítida, sendo na maioria das vezes relacionada a apresentação de poder e força para aqueles que o desconhece, como uma forma de intimidação contra aqueles que desejam desrespeitá-lo.

Esses discursos não se limitam à ligação direta da representação diabólica de Exu. O lodo, o cemitério, a caveira, entre outros, relacionados à morte, produz um efeito de temor, pois relacionam a entidade Exu e ao mundo dos mortos. É a tendência da sociedade ocidental de afastar esse fim da vida física de qualquer indivíduo (ELIAS, 2001). O conceito de biopolítico também ilustra esse discurso sobre a valorização da “vida viva” e das estratégias de afastar tudo aquilo que seja relacionado a esse tema ao centro das relações sociais. A representação da morte de forma humanizada, usando uma longa capa com capuz e uma foice, também é uma das imagens associadas à entidade Exu. Na Umbanda, exus que possuem elementos relacionados à morte, como caveira, caixão, lama ou túmulo, sejam em seus pontos riscados ou em seu nome, em sua grande maioria são exus que trabalham ou atuam nesses espaços chamados de “campo santo”, no qual são guardiões e protetores. Outro caráter relacionado a esse grupo específico de exus é a associação deles à saúde, à cura ou à solução de doenças.

O discurso sobre o pós-vida também é um elemento a ser analisado, pois o mesmo também contribui para a construção da representação da entidade Exu. A lógica da oposição antagônica estabelece que para algo ser bom tem que ser do bem, idealizado pela ideia de céu ou paraíso e tudo aquilo fora dessa ideia seria o Mal, relacionado à ideia de Inferno. Essa separação constrói as categorias de sagrado e profano, que seriam as bases para a separação dos elementos simbólicos que formariam essa lógica.

Na Umbanda Espiritualista, a ideia de “além” se baseia na ideia kardequiana da existência do mundo dos espíritos, no qual se encontram dividido ordens e classes, numa lógica vertical de evolução. A diferença é que,

na lógica da Umbanda Espiritualista essas ordens e classes se encontram em um plano horizontal, ou seja, a ideia de evolução espiritual não se adequa a essa lógica. A noção mais adequada seria a ideia de diferentes planos com diferentes densidades dos espíritos ou entidades. Tais densidades distintas estão relacionadas à aproximação do mundo espiritual com o mundo material, no qual entidades que se encontram nesse nível mais denso tem maior facilidade em trabalhar ou resolver situações terrenas, como vícios, sexualidade, desequilíbrio familiar, amoroso, entre outros.

Entretanto, isso não quer dizer que na Umbanda não considere a existência do mal, porém ela não o representa em nenhuma figura simbólica única, como no caso do cristianismo. O mal ou os males da humanidade estão associados aos próprios sujeitos, que são responsáveis pelos atos, sejam eles vivos ou não. Muitos consulentes vão a terreiros ou casas de trabalho, falar com alguma entidade para buscar a solução de seus problemas. Muitas vezes essa resolução passa por causar algum mal à outra pessoa, a fim produzir um bem-estar pessoal. Recorrem à entidade Exu para resolver esse problema. Na Umbanda Espiritualista, existe a analogia da entidade Exu como de uma faca de dois gumes, ao mesmo tempo em pode fazer coisas boas como cortar o alimento, também pode ser provocar a morte de alguém.

Esse comparativo ilustra justamente uma das principais fundamentações da entidade Exu na Umbanda Espiritualista: o de regente a lei de ação e reação ou a lei do carma. Os males da humanidade têm como responsável a própria humanidade, a entidade Exu seria somente responsável por aplicar as consequências derivadas dos desejos e atitudes humanas. A noção de bom e mal é compreendido como subjetiva para os sujeitos, retirando o peso moral sobre as ações da entidade Exu. O inferno, assim encontra-se dentro da consciência de cada sujeito e tem relação com as suas atitudes.

A representação da entidade Exu possui diferentes formas, sendo as principais a de Exu Bem e Exu Mal. Primeiramente, a representação da entidade Exu como Exu Bem, vem como um contra discurso a perseguição, aos cultos afro-brasileiros, que têm toda a sua formulação baseada em distorções de outros discursos que não correspondem a essa realidade

religiosa. Outro aspecto considerado aqui são os discursos com deferentes ecos na sociedade sobre um mesmo elemento. Os discursos possuem alcances sociais distintos devido aos efeitos do poder envolvidos nas relações sociais.

A enunciação dos discursos nas relações sociais vai produzir efeitos de sentidos dos sujeitos sobre esse discurso. Esses efeitos de sentido é o que determina a interpretação dos sujeitos a diferentes fatos sociais. Nesse sentido, as representações estão ligadas aos discursos e a quem os enuncia, o que possibilita a construção de discursos contra hegemônicos. A problemática se dá justamente quando ideologias se encontram tão enraizados nas relações sociais que seus os discursos são universalizados em todos os contextos que eles são colocados.

2.2 O CASO DO CONCEITO DE POSSESSÃO

A possessão é um dos diversos elementos que possui o seu discurso universalizado, sendo que, depende do contexto em que esse termo for empregado, o mesmo possuirá sentidos distintos. O conceito de possessão é de construção complexa, assim como o seu emprego. Deve se atentar-se ao peso histórico e social e a carga ideológica que o mesmo possui-nos diferentes contextos em que é empregado.

Inicialmente, as principais formações ideológicas relacionadas ao termo possessão são a religiosa e a científica. A religiosa a concebe relacionada à presença de demônios ou seres malignos, que se apoderam das faculdades mentais e físicas do sujeito possuído. Já para a ciência a possessão é um conceito problemático, pois o transe, presentes nos rituais espíritas, foi tratado como doença psíquica, ou, como atraso cultural e social de seus praticantes, principalmente nas abordagens clássicas da sociologia e da antropologia das religiões afro-brasileiras.

Existem diferenças ao abordar a palavra transe e a palavra possessão, pois elas possuem significados e abordagem diferenciados, principalmente ao abordadas em espaços religiosos. O transe, no caso da Umbanda, mediúnico,

está relacionada à alteração da consciência do sujeito, seja ela parcial ou completa, para dar o lugar à consciência da entidade ou espírito que vai se apresentar. Esse transe pode se manifestar de diferentes formas como através da psicografia, que seria transmissões de mensagens desse espírito ou entidade por meio da escrita, no qual a entidade pode ter o controle da mão até os dois braços. A incorporação ou mediunidade de prova, é outra forma, que é quando tem o controle parcial ou completo da consciência, dos movimentos corporais e da fala do sujeito, entre outras manifestações mediúnicas.

A possessão, no entanto, apesar de parecer sinônimo do conceito de transe é uma das formas de obsessão, sendo considerada a fase final da mesma. A obsessão é a forma que alguns espíritos se manifestam no corpo do sujeito afetando o corpo e a mente de forma negativa, ocasionando problemas como insônia, dores físicas e desequilíbrios emocionais. Ela se manifesta em quatro formas: a obsessão simples, a fascinação, a subjugação e a possessão. A obsessão simples atua através dos pensamentos do sujeito, no qual um espírito “maléfico”, controlando os desejos, intenções e interesses. A fascinação é uma influência que age de maneira suave, mas direta, no qual as influências do espírito nos pensamentos do sujeito acabam saindo para o campo de ação, onde o sujeito não julga mais as suas ações e atitudes. A subjugação, o sujeito já não possui controle de suas ações e no seu corpo, em que o espírito começa a ter controle da saúde física e mental do sujeito. A possessão, esse espírito já possui controle do corpo e da mente do sujeito, havendo a perda do controle da consciência do sujeito pela consciência do espírito. Apesar de esses diferentes estágios serem nomeados de possessão de forma generalizada, a possessão, dentre esses três estágios, é a única que é descontínua e temporária, ou seja, ela ocorre em diferentes momentos, tendo uma manifestação física em diferentes momentos e situações, quase se assemelhando ao processo de transe mediúnico incorporativo.

A problemática do termo possessão se encontra justamente no efeito de sentido que a mesma vai produzir ao ser relacionado em um contexto totalmente diferente. Utiliza-se o conceito de possessão com o efeito de sentido negativo, seja para estabelecer um sintoma de presença demoníaca ou para

classificar como um sintoma de um problema psíquico e atraso social cultural das religiões afro-brasileiras e ao espiritismo, de uma forma geral, e da Umbanda Espiritualista, em particular. Porém, pode-se aplicar o mesmo conceito para explicar o funcionamento da estrutura ritualística de tais religiões e assim desconsiderando o peso negativo muitas vezes atribuído ao termo. Assim, a construção histórica-social e cultural relacionadas à ideia de possessão construiu um discurso interno na Umbanda Espiritualista que nega os sentidos negativos geralmente associados à ideia no mundo judaico-cristão.

Marcio Goldman realiza uma crítica sobre essa problemática, no qual engloba a própria antropologia ao afirmar que:

[...] pode-se dizer que as análises das teorias a respeito do transe e da possessão - sejam as mais gerais, sejam aquelas relativas aos cultos afro-brasileiros - revela é a ausência de uma teoria verdadeiramente antropológica desse objeto. Em todos os casos enfocados, deparamo-nos com o reducionismo global que cada autor assume de uma forma particular, e que defende, explícita ou implicitamente, os postulados [...] (GOLDMAN, 1984: 119).

Para muitos escritores umbandistas, o emprego deste conceito aos rituais umbandistas não corresponderia à realidade, pois o termo possessão é empregado ao transe não permitido pelo sujeito, sem hora ou espaço pra ocorrer, no qual a identidade da entidade presente a principio é desconhecida. Além disso, a utilização do termo possessão se relacionada a determinadas entidades, como por exemplo, a entidade Exu, fortalece discursos fundamentalista cristão, como da Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, sobre a relação dessa entidade com as figuras demoníacas e aos males da humanidade.

Alexandre Cumino (2015) afirma que a diferença entre esses dois termos, no caso da Umbanda, o termo incorporação retrate melhor o fenômeno do transe. A característica principal que diferencia outros dois conceitos é o de que a incorporação possui local e hora determinada para acontecer, há o conhecimento sobre qual entidade se manifestará e o principal, o médium é que dá a permissão tanto de entrada e saída, não tendo forçado a entrar em tal estado o que não ocorreria no caso da possessão.

3. UMBANDA E UMBANDISTAS: A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA ENTIDADE EXU EM UM TERREIRO DE UMBANDA

A construção da representação da entidade Exu no universo da Umbanda é muito diversa. Em alguns casos, não se encontra a presença da figura da entidade Exu, como no caso da Umbanda Branca, pois dentro da classificação dos espíritos, essa entidade estaria entre os nomeados como “espíritos imperfeitos” ou “trevosos” além de ter uma densidade espiritual ou local de atuação mais “densa” dos chamados “espíritos de luz”. Essa argumentação remete ao fato dessa entidade ser vista como “não evoluída” devido ao uso de elementos ritualísticos como bebidas alcoólicas e tabaco na forma de charutos. Essa característica da chamada Umbanda Branca tem referência à influência do Kardecismo, no qual não possuem esses elementos em seu ritual, pois se considera que essa aproximação das entidades com objetos materiais uma característica de “atraso espiritual”.

No caso da Umbanda Espiritualista esses elementos se encontram presentes tanto em rituais de “esquerda” quanto nos de “direita”, no qual se encontram as entidades como Preto-Velhos, Caboclos, Crianças, Boiadeiros, entre outras. A relação e a compreensão que se possui sobre a organização espiritual não passam pela ideia de evolução dos espíritos. A visão do mundo espiritual é classificada em níveis de densidade, caracterizado pelo seu campo de atuação ou energético, ou seja, cemitério, rua, estrada, mata, e assim por diante.

Essa característica de bondade e maldade não se encontra representando diretamente a uma entidade específica, pois, como já foi mostrado anteriormente, é compreendido como muito particular de cada sujeito, no qual a consciência é um fator que está relacionado às ações do sujeito. Nesse sentido, as consequências das ações humanas não são julgadas como certo, errado, boa ou ruim por uma força maior, como no caso de Deus, mas pela própria consciência do indivíduo. A lógica da oposição entre Céu e Inferno da tradição judaico-cristã é substituída pela figura do Umbral, do espiritismo Kardecista, como o lugar onde os espíritos ficam ao desencarnarem, independentes se esse mesmo sujeito foi “bom” ou “ruim”,

sendo a sua saída daquele local condicionada à reconsideração e o arrependimento de suas atitudes.

Essa questão da consciência é outro ponto que deve ser analisado ao abordar a construção das representações no universo da Umbanda. Por mais que a ideia de representação esteja relacionada à de discurso, a mesma só pode ter o peso e impacto social se tiver um determinado efeito de sentido sujeitos envolvidos da relação. A interpretação particular de cada indivíduo se encontra carregada de ideologias religiosas.

Assim, etnograficamente, as ideologias religiosas contidas no universo da Umbanda constituem um mapa cognitivo para a atuação dos indivíduos. Em outras palavras, mesmo a noção de certo e errado sendo individualizado o compartilhamento de uma ideologia religiosa em comum possibilita a construção de um corpo de crenças e rituais que conforma a vida e o modo de ser dos seus integrantes.

As fronteiras discursivas relacionadas à construção de representatividades, no espaço da Umbanda, são justamente efeitos das relações particulares que cada indivíduo possui sobre um determinado símbolo ou imagem, ou o conjunto deles. Aqui a ideia de significado não é exatamente a mesma noção de interpretação, pois enquanto a primeira possui um sentido mais de definição de algo, a segunda está relacionada ao sentimento ou sensação que esse algo representa. Aqui a percepção é que discurso e as representações adquirem densidade na vida social dos integrantes da Umbanda devido às sensações e sentimentos que desperta e motiva. Cabe ressaltar que, por ser uma religião de incorporação à dimensão sensitiva é fundamental para a produção do fenômeno religioso propriamente dito.

Essa análise é central para uma melhor interpretação da Umbanda como religião e as representações formadas sobre Exu. Para se souber quem é a entidade Exu dentro do universo da Umbanda Espiritualista, é necessário fazer uma análise elementos simbólicos associados a ele, assim como da relação que os membros da Umbanda possuem com esses mesmos elementos.

3.1 EXU E TERREIRO: RELAÇÕES, HIERARQUIAS E CONCEPÇÕES

Cada casa, terreiro ou centro de Umbanda possui suas fundamentações e características particulares, que acaba refletindo nas sessões e trabalhos realizados e nas imagens associadas às entidades cultuadas ali. Essa diversidade presente no universo da Umbanda advém não apenas das diferentes ramificações que surgiram ao longo da sua história, mas também da sua configuração como fenômeno religioso sincrético de elementos das cosmologias afro-brasileira e indígenas, do cristianismo e do espiritismo kardequista. Assim, dentro de uma ramificação específica pode haver divergências relacionados ao modo de se vestir, comportar e trabalhar com determinadas entidades. Essa pluralidade também se relaciona ao Orixá ou/e entidade que rege e comanda esses espaços de culto. O regente do templo estabelece normas e fundamentações referentes às vestes, aos comportamentos e gestos considerados adequados e até tipos de trabalhos e desenvolvimento mediúnico que podem ser realizados ali. Todas as definições e indicação são responsabilidade da mãe-de-santo ou do pai-de-santo que vão orientar organizar e fiscalizar a sessão e seus médiuns a fim de garantir a ordem prescrita pela entidade regente.

No caso da entidade Exu, a diversidade vinculada a sua representação presente dentro de uma ramificação específica, promove uma multiplicidade de imagens que o reconfigura constantemente no espaço da Umbanda. Assim, o dinamismo da sua representação não é apreendido no processo de formulação dos discursos fora da Umbanda o que faz como que as narrativas representativas de Exu que circulam na sociedade sejam cheias de símbolos, imagens e significados distorcidos e pouco precisos em relação à pluralidade de sentido vivenciado no universo da umbanda.

Para o público, frequentadores e consulentes leigos da religião, ele é visto como benevolente e protetor quando dizem que “Exu é a luz na escuridão” ou “[ele] é o guardião que quebra demanda⁵”. São imagens geradas pela própria casa, para contrapor o discurso externo que caracteriza Exu como

⁵ A palavra demanda no sentido espiritual está relacionada à presença de espíritos negativos direcionados a uma pessoa ou a um grupo.

algo ruim e demoníaco. Na casa fortalece-se o aspecto mais positivo da entidade para os visitantes que não possui uma relação de proximidade com essa entidade ou com o universo da umbanda, a não ser o relacionado fazer uma consulta para resolução de algum problema particular. Assim, percebe-se uma forma de contra pedagogia da intolerância realizada nas casas e centros de umbanda que faz como o interdiscurso possa circular no âmbito mais amplo dos frequentadores do espaço umbandista.

Alexandro Frigerio (1999) ao abordar sobre essa relação sobre a entidade e o sujeito, afirma que a magia tem um papel importante dentro desse processo, no qual magia e ritual constroem arquétipos que legitimam os discursos e as práticas internas. Na Umbanda, a magia está relacionada à questão de resolução de problemas da vida cotidiana de maneira mais concreta possível. Ela é um elemento acionado e utilizado para definir uma representação assim como construção de elementos presentes no ritual para a troca de aprendizagens do campo religioso.

3.2 TEORIAS DOS ESPELHOS REPRESENTATIVOS: A ENTIDADE EXU E A RELAÇÃO COM SEUS MÉDIUNS

Na Umbanda Espiritualista, as entidades se apresentam através de seus médiuns por meio da incorporação, a fim de dar consultas, dar passes energéticos, curas e benzimentos e outros auxílios espirituais. Segundo os ensinamentos da Umbanda Espiritualistas os médiuns dão permissão para que essas entidades utilizarem o seu corpo para que se realizem os trabalhos, no qual ocorre um acoplamento de auras, incorporação dos chacras e uma conexão mental, ou seja, o corpo espiritual da entidade fica encontrado ou próximo corpo do médium, havendo a divisão da consciência do médium com a consciência da entidade. Segundo os médiuns, tal processo acontece por meio a total permissão, havendo exceções principalmente com pessoas que possui mediunidade a mesma não possui conhecimento sobre isso.

Segundo o relato de alguns médiuns essa relação da entidade com o médium, está vinculada a questão da afinidade, que pode ser decorrente da relação do Orixá, regente da cabeça dessa pessoa, e a sua coroa mediúnica,

que seria onde acredita que são onde os orixás incorporam e depositam ali sua essência ou energia. Essa relação faz com que certos aspectos do Orixá sejam percebidos na pessoa como o gênio, a personalidade e certos aspectos físicos.

Além disso, a coroa mediúnica do médium pode estabelecer quais são as linhas e quais entidades certa pessoa conseguirá incorporar, levando em consideração que as linhas e entidades podem variar fazendo com que cada uma delas tenha comportamentos e gestos específicos. Como quando Caboclos relacionados a Orixá Ogum incorporam no médium de maneira mais rápida, sendo mais diretos nas consultas, geralmente trabalhando como auxílio na vida profissional e financeira de seus consulentes.

Entretanto existe outro tipo de afinidade da entidade com o sujeito, a qual se dá pela aproximação com certas características, principalmente relacionadas à personalidade, compartilhadas entre ambos. Essa afinidade, não está relacionada apenas ao médium, mas estende-se aos próprios frequentadores, que afirmam que no momento da escolha para conversar com um determinado Exu, são orientados por esse sistema de afinidade.

Essa relação fraternal da entidade com os sujeitos é o elemento chave para compreender a construção da representação da entidade Exu na Umbanda, para além da fundamentação apresentada nos livros e nas normas de cada terreiro. Na prática essa representação da entidade Exu, mostrada ao longo desse trabalho como dicotômica, se encontram associadas a dimensões prática e empírica desses sujeitos.

A representação da entidade Exu pode ser entendida como espelhos representativos, no qual, dentro do campo das relações empíricas, as representações possuem um caráter mais ambíguo, pois as mesmas estão relacionadas ao sujeito ouvinte/enunciador e as ambivalências vividas por este na realidade. O espelho reflete a realidade que é mostrada a sua frente, entretanto a realidade refletida não é a mesma que a original, pois o reflexo sempre é invertido. A metáfora do espelho ilustra essa construção dos discursos sobre qual seria a representação da entidade Exu na Umbanda Espiritualista, no qual apesar de muitas interpretações e significados relacionados a essa entidade, sejam muitos similares uma às outras,

principalmente se forem analisados de maneira mais generalizadora, tais discursos sobre a entidade Exu não são iguais e não carregam o mesmo significado e interpretação, especialmente quando relacionada à representação dentro dos espaços religiosos, pois todos esses elementos presentes em torno das representações dessa entidade dependem do valor e do sentido que esses sujeitos construíram e constroem ao longo da vida.

Em outras palavras, a realidade empírica que um pai-de-santo ou um autor de um livro fala sobre a entidade Exu não é a mesma que o filho-de-santo ou consulente experimenta. A representação da entidade Exu está fortemente relacionada a toda trajetória de vida do indivíduo antes de ser apresentada a essa entidade. Assim, tem-se a duplicidade da realidade a partir da multiplicação das possibilidades existências na lógica da entidade. Exu é aquele que faz um único caminho virar vários e vários virar um, é a contradição e o princípio de movimento.

3.3 ENTIDADE EXU: O PAI, O GUARDIÃO, O PROTETOR, O AMIGO

Existem muitos *arquétipos* que se encontram relacionados à entidade Exu, sejam eles positivos ou negativos. Tais *arquétipos* se encontram presentes, principalmente quando relacionados aos questionamentos sobre o caráter divino ou profano da entidade. Esse tipo de questionamento é complexo, pois se formula tendo por base a concepção judaico-cristã sobre a definição de maligno e benigno.

Durante as entrevistas, pode-se perceber a forma como a entidade Exu na Umbanda espiritualista poderia nos possibilitar a reflexão sobre a dupla representação nas teorias dos espelhos. O roteiro de entrevista era dividido em três partes. Na primeira, concentravam-se as questões sobre o contato dessas pessoas com a Umbanda. Na segunda parte, abordava-se à visão e a relação desses entrevistados com a entidade Exu. E por fim, na terceira parte abordava-se a relação da entidade Exu com o espaço exterior da umbanda por meio das imagens associadas a ele.

As pessoas entrevistadas eram médiuns umbandistas espiritualistas,

que ocupam diferentes funções e posições dentro do terreiro. Alguns eram médiuns oficiais, ou seja, médiuns que já se encontram autorizados a deixar as suas entidades a dar consulta com o público. Outros eram médiuns não oficiais, ou seja, mesmo que alguns deem passividade para a sua entidade, não são autorizados a dar consulta. Um terceiro grupo eram daqueles que ainda não deram a passividade para que ocorresse a incorporação da entidade.

Essas diferentes funções dos entrevistados está relacionada ao desenvolvimento espiritual, intelectual ou de experiência de cada um, o que acarreta uma maior responsabilidade dos médiuns oficiais com relação aos demais. Eles se tornam uma espécie de exemplo a ser seguido e observado com relação a comportamentos e condutas básicas. A experiência é um fator importante na vivência da umbanda. Durante as entrevistas, realizadas entre os anos de 2016 a 2017, apresentou-se que a experiência está relacionada tanto com o tempo vivido dentro da religião quanto o anterior.

Essas experiências fora do espaço religioso contribuem para a construção do indivíduo, sua visão de mundo. Não se pode conceber que as ideologias e os pensamentos religiosos se encontram apartadas do restante da realidade social, assim tal experiência é um elemento agregador em muitas noções morais e comportamentais do sujeito em seja como cidadão ou como religioso. A trajetória do indivíduo antes de conhecer a Umbanda possibilita perceber a forma como diferentes elementos de uma trajetória de vida dessas pessoas influenciam a forma como essa pessoa percebe, concebem e interpretam a Umbanda, seus fundamentos, suas entidades e, especialmente a entidade Exu. Essa relação do antes e depois do contato com a religião e com a entidade Exu é um fator que possibilita compreender a construção da representação dessa entidade como algo particularizado de cada indivíduo.

Dentro dessa noção de espelhos representativos, existe um agregado de fatores que moldam o discurso, quando um novo elemento discursivo se apresenta os outros não deixam de existir e nem ocorre uma fusão, mas sim uma agregação, uma justaposição, que formará uma nova visão de mundo, assim como novos discursos. Muitas das pessoas entrevistadas, não nasceram

tendo a Umbanda como uma religião familiar. Muitos se denominavam católicos, evangélicos, ateus, espíritas entre outras. Entre eles alguns têm a Umbanda como a sua religião desde o início de sua vida, o que acarreta uma total dissociação da figura da entidade Exu a imagem que se compreende como demoníaco.

Ao fazer a descrição da relação que possuem e da sua visão sobre essa entidade Exu, elementos como luz e trevas, bondade e maldade, se encontravam presentes. Outra a ideia é a de evolução espiritual se faz presente na entidade Exu, nesses casos, é compreendida em crescimento espiritual, que trabalharia para luz. Nesse sentido, ele se relaciona ao ideal de bem, como forma de redenção de atitudes de outras vidas passadas. Exu relacionado à redenção, ainda existe uma separação do bem e mal, ilustrados na figura de Céu e Inferno. A imagem do Diabo não se encontra presente, mas sim de trevas, que seria o oposto de luz, e os Exus de Lei⁶, seriam aqueles que caminhariam entre esses dois espaços.

Outra visão construída sobre a entidade Exu, muito semelhante a essa, é a de guardião. Apesar de todos os entrevistados utilizarem esse adjetivo possuem diferentes interpretações sobre a imagem de Exu como guardião. Para alguns membros da religião, a palavra guardião quando designada a entidade Exu, tem um significado de respeito, do médium com a entidade, sendo utilizado esse termo quando mencionado o nome de alguma entidade. Enquanto para outros a palavra guardião faz referência a uma das funções atribuídas a entidade, a de segurança das entradas dos espaços religiosos, além de protetor de seus médiuns e consulentes.

A relação sobre bem e mal é outro elemento que se encontra fortemente ligado à construção da entidade Exu. Entretanto, um elemento percebido é a idealização sobre bem, mal, bom e mau. Para todos os entrevistados ao perguntar da relação da entidade Exu com o mal, ou uma representação de mal, todos negaram qualquer relação, porém deram diferentes justificativas dessa afirmação. O mal está relacionado, como indicado anteriormente, às ações de cada indivíduo ao longo da sua trajetória. A entidade Exu é

⁶ Entidades de lei são as que são as oficializadas dentro no universo da Umbanda.

justamente o guardião dos efeitos carmicos de cada um dos indivíduos, sendo o responsável das consequências de todas as ações presentes. O mal, nesse sentido, está vinculado às ações dos sujeitos, e não as suas consequências.

Para alguns médiuns a entidade Exu nunca vai praticar nenhuma ação maligna, independentemente de quem for. Para essas pessoas, para além do desejo humano, existem entidades, como espíritos obsessores ou kiumbas, que fazem maldades e que também são responsáveis por esse mal. Todavia, em contraposição, existem entidades que praticam esse mal, mas não são elas responsáveis pelas ações humanas, pois o mundo espiritual não pode interferir nas ações terrenas.

As entidades nomeadas como Exus, além de trabalharem para auxiliar as pessoas em algum momento de dificuldade, também são aplicadoras da lei carmica de todas as ações humanas sejam elas boas ou ruins. As pessoas compreendem que o bem e o mal se relacionam a perspectivas antagônicas de imoralidade e moralidade, de certo e errado. Essa separação entre o bem e mal, presente fortemente na sociedade ocidental, determinar diferentes interpretações dos elementos da vida cotidiana. O sentimento de culpa assim como a questão do pecado, se encontram presentes nos discurso sobre a punição e o controle das ações humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura do Exu, de maneira generalizada, é bastante complexa não sendo possível responder facilmente quem ela é. As interpretações sobre ele são tão distintas que a sua figura recusa uma universalização em uma única representação, principalmente se essa representação possuir um caráter mais ambíguo. As ambiguidades atribuídas pelos integrantes da Umbanda a Exu parece replicarem-se nas possibilidades múltiplas na teorização a cerca dele como um espelho reflexivo. Dentro do universo da Umbanda possui diferentes ramificações, sendo uma delas a Umbanda Espiritualista. Além disso, cada casa, terreiro ou centro vão possuir regras e fundamentos que podem diversifica-las mesmo sendo de uma mesma ramificação. Esse recorte de procurar compreender quem é a entidade Exu no universo da Umbanda Espiritualista ilustra justamente o quanto pode ser diversificado a construção das representações religiosas.

A representação da entidade Exu assim como as demais entidades de esquerda, possui essa ambiguidade, principalmente quando se leva em consideração todos os elementos presentes em torno das representações relacionadas a elas. Essas construções de Exu bem e Exu mal em esferas separadas, não responde quem seria essa entidade na Umbanda, pois na realidade empírica noções como bem mal certo errado bom e mal são subjetivas e parte do ponto de vista daquele que observa e daquele que sofre as consequências de suas ações.

Entretanto, se perguntar se representação de Exu como o mal, relacionado a um caráter demoníaco, é válida, segundo a própria Umbanda, a resposta é não. Essas duas representações se encontra relacionadas uma com a outra, ilustrado pelo dito que “Exu é uma faca de dois gumes”, ou seja, entidade está tanto relacionada ao ajuda daqueles que precisam quanto à “dor” daqueles que devem. Não há uma imagem representativa de um ser ou ente que produza as maldades na humanidade, pois toda essa culpa relacionada às consequências das ações dos sujeitos, deriva deles próprios, ou seja, o sujeito que responsável tanto pelas suas ações quanto pelas consequências

“dolorosas” derivadas das mesmas. Dentro das realizações de trabalhos ou rituais dessa entidade a fim de conseguir algum benefício próprio, a “culpa” não é da entidade que realiza o trabalho, mas sim do consulente que pede. Além disso, o peso tal ação e consequências são interpretadas e significadas pelos próprios sujeitos que a realizam.

As distintas visões sobre Exu, assim como a sua função, seus elementos simbólicos e sua aparência, vão construir toda uma rede de sentidos e interpretações, pois a construção da representação dessa entidade não se encontra limitada ao espaço religioso do terreiro, ela ultrapassa e encontra a uma lógica de mundo distinta e hegemônica, que reduz a complexidade em torno da representação religiosa em uma dicotomia inexistente na realidade dessa religião. É claro que essas representações têm toda uma construção histórica, desde a vinda dessa imagem da África, banalizada pelo racismo, intolerância, preconceito e perseguição dos cultos afro-brasileiros.

No caso da entidade Exu, a construção de sua representação negativa partiu de uma ideologia Ocidental branca, cristã e hegemônica, que divide o mundo em duas esferas opostas. Assim, todas as representações que não seja vistas como boas certas e celestiais como as outras relacionadas à mesma, se se transformam e são caracterizadas como demoníacas. Essa distorção produziu um contra discurso representativo onde Exu busca escapar da simplificação da definição de bem e mal, existindo no espaço da ambivalência que tanto assombra os padrões da purificação da modernidade.

A complexidade presente na representação de Exu não pode ser generalizada para todas as ramificações existentes na Umbanda, pois existem ramificações que não cultuam essa entidade, devido a regras e fundamentos presentes na sua formação. A problemática se encontra justamente quando elementos de uma religião são analisados e observados sob uma ótica de mundo distinto daquelas presentes na religião, causando assim uma distorção da realidade empírica desses elementos e de seus significados do culto e de seus membros.

REFERÊNCIAS

SILVA, Maria Celia Dias da. **Exu Sete Espadas: O Guardião da Lei Maior**. São Paulo: Editora Madras, 2006.

BASTIDE, Roger. **Estudos Afro-brasileiros**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: Teoria Social, Antirracismo, Cosmopolitismo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CUMINO, Alexandre. **Umbanda e o Umbandista: Quem é e o que é?**. São Paulo: Editora Madras, 2017.

CUMINO, Alexandre. **Médium: Incorporação não é Possessão**. São Paulo: Editora Madras, 2015.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com Aspas e Outros Ensaio**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

ALVA, Antonio de. **O Livro dos Exus: Eguns e Kiumbas**. Rio de Janeiro: Eco Editora, 1973.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRIGERIO, Alejandro. El Futuro de las Religiones Mágicas em Latinoamérica. **Revista Ciências Sociais e Religião**, Argentina, v.1, n.1, 51-88, setembro, 1999.

GOLDMAN, Marcio. **A Possessão e a Construção Ritual da Pessoa no Candomblé**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

GOLDMAN, Marcio. Observações Sobre o Sincretismo Afro-Brasileiro. **Revista Anual do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais da UESC**, v.1, n.1, 132-137, agosto, 2003

JUNG, Carl. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

JUNIOR, Ademir Barbosa. **Curso Essencial de Umbanda**. São Paulo: Editora Universo dos Livros, 2011

LEVI, Eliphas. **Dogma e Ritual de Alta Magia**. 11 ed. São Paulo: Editora Madras, 2017.

MARTINS, Adilson. **Lendas de Exu**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2008.

TEIXIRA NETO, Antonio Alves. **Umbanda dos Pretos Velhos**. Rio de Janeiro:

Editora Eco, 1965.

ELIAS, Norbert. **Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PIACENTE, Joice. **Eu Sou Exu**: Eu Sou a Luz. 2 ed. São Paulo: Madras Editora, 2016.

PRANDI, Reginaldo. Exu, O Mensageiro do Diabo: Sincretismo Católico e a Demonização do Orixá Exu. **Revista USP**, v. 1, n. 50, 46-63, agosto, 2001.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Estados Unidos: Pantheon Books, 1978.

SARACENI, Rubens. **Arquétipos da Umbanda: As Hierarquias Espirituais dos Orixás**. São Paulo: Madras, 2017.

SARACENI, Rubens. **O Guardião Dos Caminhos: A História do Senhor Guardião Tranca-Ruas**. 8 ed. São Paulo: Madras, 2017.

SEGATO, Rita Laura. **Santos e Daimones**. 2 ed. Brasília: Editora UNB, 2005.

VALVERDE, JOSÉ ANTONIO. **Enciclopédia do Ocultismo: Satanismo e Bruxaria**. Barcelona: Quorum, 1987.

VERGER, Pierre. **Orixás**: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio, 1999.